Significação de algumas palavras indigenas

TH. POMPEU SOBRINHO

ACARACÚ

Acaracú é o nome com que até 1878 se designava o rio, hoje chamado *Acaraú*. Os pesquizadores de etimologias indigenas já indicaram quatro significações diferentes para esta palavra, evidentemente de origem tupí.

Ei-las na ordem em que surgiram:

Acará, peixe, mais *guaçú*, grande, mais *hy*, agua, rio: "rio de peixes grandes" (von Martius). *Acará*, garça, mais *có*, buraco ou ninho: "ninho das garças", isto é, rio do ninho das garças (José de Alencar). *Acará*, garça, mais *có*, quinta ou roçado: "quinta das garças" (Paulino Nogueira). Corrupção de *acara y*, donde *acara-hu* que, pela forte aspiração do ultimo elemento, deu *acara-cú*, cujo significado é "rio dos acarás" (Theodoro Sampaio).

Todas estas interpretações não nos parecem satisfatorias porque, quanto á: primeira, *acará* é o nome de alguns peixinhos dagua doce, já estudados pelo nosso primeiro naturalista, o velho Marcgrav, ao tempo do Brasil holandês. As reduzidas dimensões destes peixes tornam a analise de Martius inverosimil. Quanto á segunda, *acará* é tambem o nome da *Ardea egretta* ou garça branca, tambem já conhecida do naturalista holandês pelo nome de *Guiratinga*. Mas, *có* não significa buraco e muito menos ninho, o que invalida a interpretação de Alencar. Buraco das garças seria quando muito *acaracóara* e si muitos fossem os buracos *acaracoacoára*, formação seme-

lhante a *jurucoacoára,* buracos de tartaruga. "Ninho de garça" no falar tupí seria certamente *acararóca.* Quanto á terceira analise, *có* é roçado, limpo para plantação; mas, entre nós, *có* não se transforma em *cú,* portanto de *acaracó,* roçado das garças, não se passa a *acaracú.* O -u- póde provir do -y- gutural; *acaraú* de *acaray* ou da grafia de um fonema que muitos registadores de vocabularios representavam por *b* puro ou por um v ou ainda pela semivogal *w.* Relativamente á quarta interpretação, o ilustre tupinólogo Dr. Teodoro Sampaio explica a transformação do *hu* em *cú* por efeito da forte aspiração do primeiro elemento, mas, cumpre notar que, se assim fosse, se teria um caso excepcional, sem apoio na natureza dos fatos foneticos até agora observados no tupí. Realmente, temos *gereraú* e não *gereracú, maracanaú* e não *maracanacú, jaçanaú* e não *jaçanacú, curiaú* e não *curiacù.* A mais antiga grafia deste vocabulo é *caracú* e aplica-se ao rio referido bem como a uma lagôa e a um córrego perto de Porangaba.

A aferese do *a* constitue acidente fonetico muito comum. A primeira parte da palavra tanto póde significar o peixinho já referido como a garça branca. Póde tambem nada significar, porque o prefixo *cará,* do tupí antigo, aparece algumas vezes sem significação apreciavel: tem-se *caracatú* por *catú,* bom, *carapina* por *pina,* raspar, limpar e, como se vê em Montoya, *caracú* por *cú* bebida, vinho de raizes. Talvez, pois, antigamente *cú* pudesse significar, por extensão, agua, liquido, bebida

Deste modo, *caracú* poderia ser "agua das garças" ou "agua dos acarás. A primeira significação estaria mais de acôrdo com a maneira de expressar-se do indio

Parece-nos, porém, melhor tarduzir *caracú* por "bebida das garças". De certo, o indio, querendo dizer *agua das garças,* usaria a palavra *acaraú,* da mesma fórma como usava *maracanaú,* agua das maracanãs, *curiaú* agua dos curiás, *jacanaú,* agua das jacanãs

ARACOIABA

Nome que se aplica a um rio, afluente do Choró e defluente da serra de Baturité.

Segundo Paulino Nogueira, baseado em Montoya, a etymologia do vocabulo é: *ará* ave, *cói*, falar e *ába*, lugar. Com alguma complacencia, maugrado o som um tanto fechado do -o- de *aracoiaba*, poder-se-á admittir essa interpretação "lugar onde as aves gorgeiam"; mesmo porque Montoya dá para *cói* a significação de falar, gorgear aves, como em *ocói guirá*, gorgearem aves.

Mas, a antiga grafia da palavra era outra, como se vê no registo da data e sesmaria do tenente coronel Manoel Rodrigues das Neves, em 4 de Fevereiro de 1735, onde se escreve: "na cabesseira do Riacho *Aracoaguaba* qe. nasce na dita serra" (Baturité).

Ora, é impossivel aplicar a este vocabulo a interpretação referida. A analise conduz a outro sentido. Realmente, deviamos ter de acôrdo com esta ultima grafia *ará-côa-côa-ába* que, pela extensão da palavra, e aproximação de dois -aa- ficou, por abrandamento e contração, reduzida: *aracôaguaba*, significando "lugar onde existem buracos de psittacus", isto é, ôcos de piriquitos. Mais tarde, já um pouco sob o dominio do falar português, continuando o processo de degradação do vocabulo, o -g- cae bem como o primeiro -o-, dando-se em compensação um relativo refôrço do 2.° -o- que fica -u- ou melhor -w-, tal como prova a seguinte grafia, mais recente que a primeira: *arácauába* que achamos no livro n. 12 das sesmarias, no registo da data do capitão-mór Domingos Simois Jordão, feito em 7 de outubro de 1735. Aliás, em tupí o -o- medial póde dar -u- e o grupo -gu- constantemente se reduz a -w- como na evolução da expressão: teon-kôera, teon-guera, teonwera (caveira). O encontro do -a- com -u- em face do hiato deu naturalmente ô = ou, como *mauro* deu mouro, *pauco* deu pouco etc. Mas, de

-ou- se passa facilmente a -oi-, como de mouro a moiro, de cousa a coisa, de ouro a oiro, etc. Daí, pois, a expressão atual: *ARACOIÁBA.*

CRATEÚS

Palavra com que se denomina a região do alto Potí, outrora habitada pelos tapuias do mesmo nome.

Paulino Nogueira, seguido por outros, dá a etimologia: *cará,* batata e *teú,* lagarto — batata de teú.

Apesar da fisionomia tupí, o vocabulo parece não pertencer a esse idioma. Sabe-se que a relação do genitivo no tupí se faz, em casos semelhantes, como em inglês. Teriamos então "teú de batata", verdadeiro contrasenso. O indio diz *itasí,* mãi da pedra: *aratanha,* bico de periquito; *juritianha,* bico de jurití; *jurucuára,* buraco de tartaruga; *itácuára,* buraco de pedra; *itaóca,* casa de pedra; *Pedro reté,* corpo de Pedro; etc. Nunca diria *sitá, cuárajurú, ocaitá, teté Pedro,* etc.

Quando, porém, uma palavra indica qualidade de outra se admite em tupí uma construção analoga á do vocabulo em estudo. Eis alguns exemplos: *pirayawara,* peixe cachorro, isto é, o boto que, como os cães, avança sobre as canôas. A ordem póde inverter-se, ficando o qualificativo em primeiro lugar, como em *tayasuwira,* passaro pôrco, porque o grito da ave lembra o grunhido do paquiderme.

No Brasil existe uma planta chamada *Caranambú,* é uma das muitas especies brasileiras de Dioscoreas, cujos tuberculos lembram pela sua fórma o corpo da nambú. Outra dioscoreacea se chama *Cará côco* (Dioscorea hastata), assim denominada porque os seus rizomas têm o porte e a fórma de um côco da Baía. Ainda outra tem o nome de *Cará figado de perú* (D. latifolia) pela semelhança dos seus tuberculos com o figado do perú.

Na literatura botanica relativa aos carás brasileiros não achamos o denominação *carateú.* E' claro que se tivesse existido um *cará,* tuberculo de qualquer dioscorea-

cea, com esse nome especifico, não teria desaparecido e ainda agora seria conhecido, ao menos pelo povo que ainda o chamaria pelo mesmo nome.

Por outro lado, os tupís somente poderiam aplicar esta construção lexica se tivessem um *cará* semelhante ao lagarto ou, então, uma lagartixa ou algum saurio (tiú) que, por qualquer atributo caracteristico, lembrasse o tuberculo do *cará,* o que, como vimos, não se conhece.

As fórmas respectivas do rizoma de qualquer dioscoreacea brasileira e dos lacertilios nacionais são muito diversas e nenhuma qualidade especifica outra póde ser igualmente invocada neste caso. Entre as dioscoreaceas exoticas, distingue-se uma especie cujos tuberculos são alongados, porém curvos, e porque invocam o aspecto de uma prêsa de elefante o povo lhe chama, aqui no Brasil, para onde foi importada da India ou da Australazia, *inhame elefante.* Esta especie cientificamente se denomina *Dioscorea rogersii* e está aclimada em quasi todo o Brasil. A sua introdução no país é bem mais recente do que a palavra indigena em apreço.

A dição *crateú* deve ser de origem tapuia, provavelmente *karirí.*

Neste caso, poderia ser analisada: *krá,* sêco e *té,* sufixo formador de participios verbais: *kraté,* cousa sêca, lugar sêco, mais o adverbio *yú,* que significa repetidas vezes, frequentemente, muito; donde: *kratéyú, crateú, cratiú* ou ainda a fórma tupinizada *carateú* para a região e *carateús* para os amerincolas.

A origem da palavra, entretanto, póde ser diversa. Na região agora chamada *Crateús* e suas adjacencias, principalmente para o lado da serra da Ibiapaba, viviam os indios *Karatiús* ou *Karatís,* como refere o celebre mestre de campo Morais Navarro, em carta a El-Rei. A esses mesmos selvagens o padre Vieira, baseado em informes do padre Pedrosa, chama *Kurutís.*

A terminação *ús,* muito generalizada no Nordeste, parece indicar qualquer cousa semelhante a "povo" ou mais particularmente "tribu". São conhecidas as tribus

de tapuias *Akoansús, Arariús, Irariús, Brankarariús, Ariús, Kariús, Kamasús, Kararius, Kixariùs, Guarariùs, Paiakús, Porús, Sukurús, Tamakiús, Tokariùs, Uriùs, Umaús. Akriús, etc.* Então, é como se dissessemos: indios da tribu Akoan, da tribu Arari, da tribu Brankararí e analogamente: *Karatiús*, isto é, indios da tribu *Karatí.*

Karatí póde ser o nome do lugar que passou á tribu, como é comum, ou o de um ser totemico (ha vestigios de totemismo entre os kariris), animal, vegetal ou mesmo *mineral.* No primeiro caso, póde-se interpretar a palavra: *krá* ou *kará* (fórma tupinizada) e *ti* pelo refôrço de *di* (consequente da alteração do som anterior), particula indicadora do futuro: *kradí* deu *caratí,* o que vai secar, o que vai ficar sêco. A alusão póde ser ao rio Potí que, nessa região, séca anualmente ou ao proprio sertão que se torna extremamente árido durante o verão.

O conhecimento que temos da nomenclatura vegetal ou animal, em karirí, é reduzidissimo, pelo que nada se póde adiantar quanto á segunda hipótese.

PAPÁRA

Assim se denominava um baixio no municipio de Maranguape, agora ocupado pela bacia hidraulica do açude do mesmo nome.

Paulino Nogueira e Theodoro Sampaio não deram a significação desta palavra, certamente por a não terem conhecido. E' dição tupí.

Pa de *ypá,* lagôa e *pára* de *apára,* torta, curva: *papára* de *ypa apára:* lagôa torta ou curva.